

Maristela Franco | maristela@revistadbo.com.br



## Por que a balança do frigorífico gera tanta discórdia



A pergunta é do produtor Donizete Peixoto da Costa, proprietário da Fazenda Boa Esperança, de 2.700 ha, localizada em Piracanjuba, GO. Ele faz integração lavoura-pecuária, possui um rebanho de 3.000 cabeças e confina 1.500 animais/ano.

A desconfiança dos produtores em relação à precisão ou lisura da balança dos frigoríficos tem raízes antigas. Segundo alguns analistas consultados por **DBO**, ela vem do tempo em que a compra de gado deixou de ser feita pelo peso vivo e passou a se basear no peso morto, após toailete. No passado, os negócios eram feitos “no vulto” (sem pesar os animais) ou com base na balança da fazenda, considerando-se rendimentos estimados e pré-acordados entre as partes, o que dava aos produtores uma sensação de segurança, apesar de eles receberem menos pelo animal de qualidade, incluído na “média do lote”. Com o advento da classificação de carcaças (por demanda do mercado e necessidade operacional dos frigoríficos), os velhos padrões de rendimento fixo foram substituídos por resultados individuais, que variam conforme as características do bovino e são conhecidos somente após o abate. Isso abriu espaço para contravérsias e desconfianças, que não foram resolvidas à época e afetam até hoje as relações entre os dois elos da cadeia.

Muitos pecuaristas acreditam, por exemplo, que as balanças podem ser facilmente adulteradas, o que é negado pelos frigoríficos. Eles dizem que o sistema de pesagem é auditado regularmente pelo Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia), especializado na detecção de fraudes. **DBO** foi até a unidade da JBS, em Campo Grande, MS, para verificar como é a aferição desses equipamentos. Todas



**Pesagem da carcaça pela balança (na elipse) pode ser vista da sala do produtor.**

as balanças recebem um lacre do Inmetro, que não pode ser violado. Periodicamente, técnicos desse órgão visitam as plantas de abate, sem aviso prévio, e conferem, por amostragem aleatória, a condição das balanças. “Se encontram diferença no peso durante a conferência, a empresa pode ser multada. Nós nunca fomos autuados. Somente neste primeiro semestre, tivemos duas visitas-surpresa de técnicos do Inmetro, que são

muito rigorosos”, informa Djair Bér-gamo, engenheiro elétrico da JBS.

Para garantir o maior nível possível de precisão das balanças, a empresa faz aferições duas vezes por dia, uma às 5 horas da manhã, antes do início dos abates, e outra ao meio dia, quando os funcionários param para almoçar. Os equipamentos eletrônicos são fixados em linhas aéreas e possuem trilhos de pesagem, onde as carretilhas munidas dos ganchos que sustentam as carcaças permanecem alguns instantes para leitura do peso. A aferição é feita colocando-se, na balança, um suporte com 10 peças de 20 kg e verificando-se a ocorrência de desvios, após dedução do peso padrão da carretilha, que é de 3,6 kg. Havendo desvio, aciona-se a empresa responsável pela manutenção do equipamento, que é autorizada pelo Inmetro a romper o lacre para fazer reparos e depois colocar um novo no lugar. “Nós não temos autorização para fazer isso”, ressalta Bér-gamo, lembrando que todas as ocorrências de manutenção são registradas para averiguação do órgão. As balanças também podem ser aferidas a pedido do pecuarista, em qualquer momento do abate, caso ele tenha alguma dúvida quanto à pesagem.

**MODELO URUGUAIO** - No Uruguai, onde a comercialização de bovinos com base no peso vivo persistiu até a década de 90, o clima de desconfiança levou à criação, em 2007, do Sistema de Información de la Industria Cárnica,

mais conhecido como Cajas Negras (caixas pretas). Esse sistema compreende um conjunto mínimo de quatro balanças instaladas em pontos chave do processo industrial: a primeira fica no curral do frigorífico, para aferição do peso vivo após desembarque; a segunda foi instalada depois da sangria; a terceira antes da toailete e a quarta após essa operação. Alguns frigoríficos já estão na segunda etapa de implantação do sistema e contam também com uma balança antes da desossa, outra depois e uma última na pesagem do produto embalado, totalizando sete equipamentos. O sistema é gerenciado pelo Inac (Instituto Nacional de Carnes), um órgão público não-estatal que reúne representantes do governo federal uruguaio, dos pecuaristas e dos frigoríficos. Os dados de pesagem podem ser consultados a qualquer tempo, pela internet.

O sistema de Cajas Negras também tem por objetivo evitar a evasão fiscal. Demandou investimento estimado em US\$ 9 milhões, tanto em equipamentos (cerca de 250 balanças, além de computadores, impressoras, softwares) quanto em pessoal (40 funcionários permanentes), que monitoram e gerenciam o sistema em 36 frigoríficos. No Brasil, ele é visto como possível alternativa para a melhoria das relações entre produtores e frigoríficos.

Segundo o presidente da JBS Mercosul, Miguel Gularte, que trabalhou por muitos anos no Frigorífico Pul, do Uruguai, o sistema realmente diminuiu o nível de ruído dentro da cadeia, mas não no grau esperado. Um levantamento feito pelo Inac mostrou que menos de 10% dos produtores acessa o sistema para verificar os pesos dos animais nas várias etapas do processo industrial. “Trata-se de um percentual pequeno diante do investimento realizado. E os conflitos continuam. Parte dos pecuaristas quer que os frigoríficos paguem pelo peso aferido antes da toailete”, diz o executivo.

Segundo Gularte, esses embates derivam de uma visão distorcida. “Muita gente acredita que, para o produtor ganhar, o frigorífico tem de perder, ou vice-versa. Isso indica um desconhecimento enorme da cadeia. É impossível ter



**Após a pesagem, a carcaça é lavada para eliminação de coágulos de sangue e resíduos.**

um frigorífico indo bem com produtores indo mal. Não funciona. Bons produtores e bons frigoríficos trabalham alinhados, com base na confiança mútua”, diz ele. Na opinião do executivo, a adoção do sistema de Cajas Negras no Brasil infelizmente esbarra em dificuldades financeiras. “Somente no Estado do Mato Grosso temos mais plantas de abate do que no Uruguai. Seria necessário fazer um investimento muito grande, não apenas em equipamentos, mas também em infraestrutura de gestão. Imagine se uma balança quebra em Rondônia e é preciso chamar um técnico credenciado pela entidade responsável para fazer a manutenção? A matança teria de parar até ele chegar à planta; o prejuízo seria enorme.

O Inac conta com recursos financeiros para gerir o sistema, obtidos a partir de taxas recolhidas tanto pelas indústrias quanto pelos pecuaristas, alternativa que não temos no Brasil”, salienta.

**ASSISTA AO ABATE** - Enquanto os debates sobre o tema prosseguem, o pecuarista pode fazer o que sempre esteve ao seu alcance: assistir aos abates e solicitar aferições da balança, se achar necessário. Essa prática possibilita também conhecer melhor o funcionamento da indústria e tirar dúvidas quanto aos fatores que influem no peso final da carcaça, de forma a melhorar o sistema produtivo da fazenda. Gularte salienta que a indústria trabalha com pagamento pelo peso morto porque essa é a única forma de separar o bom animal do ruim e remunerar o produtor por qualidade. “Vendo carne, portanto, preciso comprar carne. A melhor maneira de se eliminar ruídos dentro da cadeia é com informação e transparência. Produtor informado, nunca é enganado”, diz o executivo da JBS.

Após a pesagem, a carcaça passa efetivamente para as mãos do frigorífico e prossegue sua trajetória se para transformar em produto destinado ao consumo final. Imediatamente após sair da balança, suas duas bandas são lavadas com jatos de água morna, para eliminar coágulos de sangue, fragmentos ósseos gerados durante a partição com serra elétrica e outros materiais aderidos. Em seguida, as bandas seguem para a câmara fria. No caminho, podem passar por equipamentos de estimulação elétrica que visam elevar o índice de maciez da carne. A planta da JBS, em Campo Grande, está adotando essa prática com ótimos resultados. Na próxima edição, falaremos um pouco mais sobre isso e sobre outro tema polêmico: a classificação de carcaças.

Veja, na próxima edição, os fatores que afetam o rendimento.  
Participe enviando suas perguntas para o e-mail [maristela@revistadbo.com.br](mailto:maristela@revistadbo.com.br).  
Mais informações também estão disponíveis no Portal DBO.

Realização:

**DBO**  
A REVISTA DE NEGÓCIOS DA PECUÁRIA

Parceiros Conexão JBS:

**JBS**

**Friboi**

**CANAL RURAL**